

Imagem humana: facilitadora ou inibidora da inclusão sociocomunicacional

Augusto Deodato Guerreiro

(Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Departamento de Ciências da
Comunicação, Artes e Tecnologias da Informação)

1. Introdução

O nosso corpo, o habitáculo temporário e visibilidade do nosso desenvolvimento neuropsicomotor, tem direitos e deveres a fruir como garantes da sua íntegra e digna sustentabilidade, veiculando, interagindo e materializando (através de processos endógeno e exógeno) as nossas preferências, opções, os nossos desejos, amores e ódios, actos e omissões, na interacção e intercompreensão humanas. Tem direito - mesmo apresentando disfunções que nos condicionem ou impossibilitem de interagir normalmente - a existir e a viver como reflexo ontogénico feliz de todas as nossas manifestações. As efectivas ou aparentes mazelas do nosso corpo não têm que nos molestar a mente, o espírito, a inteligência, a consciência... marginalizando-nos ou excluindo-nos aos mais diversos níveis¹. Sentir, aludir e justificar qualquer envolvimento ou itinerário conducente a um sistemático desenvolvimento global inclusivo, porventura do nosso corpo rotulado por disfunções visíveis e condicionantes, implica o cultivo da persistência, da tolerância, da solidariedade, da cultura da partilha e da esperança, conceitos assimilados e interiorizados na sensibilidade, no comprometimento deontológico, na vontade individual e grupal, social e ético-política.

2. Os efeitos da imagem humana na sociocomunicabilidade

Há aspectos ligados à imagem humana e à cultura da aparência que é preciso encarar com coragem, firmeza, rebeldia, eloquência no vencer essas dificuldades que temos em

¹ GUERREIRO, Augusto Deodato – *Imagem e cultura na inclusão sociocomunicacional*. Livro de Actas do “IV Congresso Internacional de Motricidade Humana: Motricidad y Desarrollo Humano” (Porto do Son, 30 de Junho a 3 de Julho de 2005). A Coruña: Editorial Diputación Provincial de A Coruña, 2005; p. 295-300.

ser iguais a nós mesmos. A sociocomunicabilidade, como capacidade que temos para nos socializarmos e para comunicarmos, é o móbil, a *intencionalidade operante* em cada momento, a motricidade humana inorgânica e orgânica, inteligente, que nos faz existir e viver, e nos incita a fazer acontecer e a fazer existir e viver. Walter Benjamin (1892-1940) sustentou que «O mais esquecido de todos os estranhos é o nosso corpo - o nosso próprio corpo». De facto, o ser humano, em contextos muito diversos, é apenas o sujeito que se vê e que é ou não o nosso interlocutor, sem nos interrogarmos sobre a indissociabilidade que somos nos planos psicológico, mental e espiritual, cultural e cívico, bio-sócio-comunicacional. Somos, em geral, a imagem que representamos aos olhos dos outros e da sociedade, ignorando-se ou negligenciando-se que, intrinsecamente, podemos ser muito diferentes, mesmo o oposto daquilo que realmente se vê na nossa imagem física. Da Vinci (1452-1519) asseverou que «O corpo é o que tem altura, largura, comprimento e profundidade». Afirma Paulo Cunha e Silva que

«A profundidade» constitui «a mais-valia de indecidibilidade em torno da qual se constrói qualquer corporologia», [...] «o corpo contemporâneo perdeu densidade e profundidade, tornou-se etéreo e superficial: ao transportarmos a profundidade para a superfície, na tentativa de visualizarmos um interior, a espessura do corpo passou a ser a da película que suporta a sua imagem»².

Defende Agostinho Ribeiro que

«Entre as mudanças culturais ocorridas nas últimas décadas do século XX - e que já imprimiram marcas indeléveis na história da cultura ocidental - avulta a emergência do corpo com um estatuto e uma omnipresença de todo imprevisíveis ainda em meados do século.

O movimento irrompeu imparável nos anos 60 e 70, com a reivindicação do direito do indivíduo ao uso livre do seu corpo, despido dos tabus em que se cristalizara o controlo social dos prazeres corporais. Depois, nos anos 80 e 90, foi a tomada de consciência de que o corpo é a face visível da própria pessoa, que com ele subjectivamente se identifica e por ele socialmente se apresenta»³.

E é a nossa imagem, na película que a suporta, que promove a nossa aceitação ou exclusão na sociedade, sendo pela importância e pelo *marketing* que imprimirmos ao nosso corpo que nos conseguiremos sentir incluídos, tolerados ou excluídos socialmente e em todos os domínios. Sublinham a nossa personalidade, em regra, o rosto e a silhueta como cartão de visita, o corte de cabelo, o penteado, os óculos, os sapatos e a

² SILVA, Paulo Cunha e – *O Lugar do Corpo: Elementos para uma Cartografia Fractal*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999; p. 21.

³ RIBEIRO, Agostinho – *O Corpo que Somos: Aparência, Sensualidade, Comunicação*. Lisboa: Editorial Notícias, 2003; p. 7.

indumentária que exibimos, o que também pode servir, se necessário, para encobrir dos outros o desconforto do nosso corpo, sendo adicionais que marcam eventualmente o nosso carácter. O prazer ou a tortura diária que podemos sentir ao levantarmo-nos em cada manhã, procurando no guarda-fatos o que devemos vestir para ocultar, disfarçar ou evidenciar algo que se prende com a nossa imagem, é uma forma de assumirmos ou não o corpo que temos, com todas as formas bem ou mal definidas, funcional ou disfuncional, mascarando, inclusive, a amplitude de humores com que acordamos ou convivemos. Sentindo-nos livres, condicionados ou mesmo escravizados com a relação que temos com o nosso corpo, a roupa que vestimos e a maneira como a usamos revela sempre uma linguagem própria que tem a ver com o nosso estado de espírito, bem como, em geral, com os códigos sociais vigentes, assinalando um estilo através das cores e dos padrões dos tecidos com que nos ataviamos.

Claro que, neste domínio, cabe à mulher uma tarefa mais delicada na escolha e exibição de roupas, atendendo à *performance* mais elaborada que nós, homens, lhe exigimos. De resto, o que usamos em casa, na rua ou no emprego responde sempre a um código social, seja ele qual for, dos mais novos aos mais velhos, prevalecendo sempre diferenças notórias em função da classe social a que cada um pertence. E nesta acepção, por necessidade e num secreto desejo de agradar, vestimos a roupa mais adequada ao dia e às circunstâncias, procurando iludir ou esconder dificuldades ou especificidades íntimas com o nosso corpo, com a vida ou com as relações que estabelecemos à nossa volta, legitimidade que, aliás, devemos alimentar de uma forma saudável e sem excessos narcísicos. Isto porque, em função do parece bem e do parece mal, chegamos até a suportar fazes de rejeição parcial ou total do nosso corpo, não conseguindo evitar, em certas situações, determinados e angustiantes comportamentos patológicos.

O sentimento e o conceito de beleza é o que mais nos inspira, e que por vezes nos martiriza, numa certa obsessão com a nossa aparência. O nosso corpo tem o direito de ser embelezado e há um dever de beleza, da nossa parte, para com ele, o que justifica o tempo que por vezes demoramos ao espelho a compor a imagem, a estudar a roupa e os gestos, a articulação da palavra e a consequente moldagem do rosto, o semblante e a postura convenientes, o cuidado exercício na bipedeestação moldando e alindando

determinadas zonas anatómicas mais sensuais e sensualizantes, preocupações que revelam muito sobre o nosso mundo interior e o relacionamento com os outros. Todos reconhecemos que vivemos atraídos pelo belo, em permanente julgamento estético sobre nós e tudo o que nos rodeia, pessoas, objectos, paisagens, obras de arte... Sabemos que a beleza e a feminilidade são indissociáveis e que se exige às mulheres que sejam bonitas, cuidadas, inteligentes, eternamente jovens e também muito *sexy*. Aos homens, em que a beleza e a masculinidade também não podem dissociar-se, é-lhes exigido que sejam, sobretudo, viris e cuidados, perspicazes e surpreendentes, inteligentes, galantes.

Não obstante todas as civilizações terem exaltado a beleza, sobretudo a partir do Renascimento, e o corpo ter desempenhado sempre um papel importante nos valores sociais, nunca o corpo, ao longo da história, foi tão idolatrado como nos nossos dias. A cada vez maior obsessão pela aparência tem vindo a revelar-se uma das principais causas de *stress* e ansiedade, tornando infelizes e deprimidos todos aqueles que não conseguem alcançar os padrões de beleza impostos pela sociedade ou por eles próprios ansiados. E é esta lógica, irracional tantas vezes, que acaba por conduzir jovens e adolescentes a uma vida completamente vivida em função da desejada aparência dos seus corpos, potenciando casos de anorexia e bulimia.

Como já atrás ficou esbatido, durante séculos sucessivos muito se tem tentado encontrar, através de artistas, filósofos, cientistas e outros pensadores, uma definição para o conceito de beleza, existindo sobre a questão diferentes respostas em todas as épocas, com recurso a critérios de mutabilidade constante. Nos nossos dias, quando nos referimos exclusivamente à beleza física, o que em geral se valoriza são os corpos jovens, magros e silhuetas esguias, cuja configuração, há alguns anos atrás, seria desinteressante aos olhos, significando até falta de saúde e má nutrição, só se considerando as mulheres bonitas e sensuais aquelas que tivessem formas acentuadas e arredondadas. Nesta acepção, o conceito de beleza tem variado ao longo da história e da cultura em que nos inserimos, sofrendo as naturais influências socioculturais, sendo a beleza diferentemente vista no mundo, variando as tendências e gostos conforme a latitude e as épocas, mas permanecendo sempre ao longo do tempo a ideia da beleza associada ao equilíbrio das formas, de certos conteúdos e coloridos. Citando o

psiquiatra e sexólogo Afonso de Albuquerque,

«Por mais subjectiva que a beleza seja, estudos recentes demonstram a influência de determinados factores biogenéticos na sua definição».

Têm vindo a encontrar-se algumas características definidoras da beleza de um rosto feminino ou masculino, sendo uma delas a simetria, segundo a qual se é mais belo quanto mais o lado direito for igual ao esquerdo, constatação que não se tem alterado consoante as épocas. A explicação deixa-nos depreender que as assimetrias no rosto seriam interpretadas como se equivalessem a malformações ou defeitos, não apenas no rosto mas na inteligência, nos ossos, nos órgãos, o que, ao nível da interpretação e do inconsciente, nos levaria a intuir que só seriam saudáveis as pessoas com rostos simétricos. Tal justificação parece revestir-se de algum significado, não sendo por acaso que ao fim de tantos anos da nossa evolução continue a existir este tipo de preferências, encerrando quiçá um valor de sobrevivência da nossa espécie, sendo as pessoas com assimetrias no rosto, por isso, entendidas como menos aptas a assegurar um desenvolvimento saudável do ser humano.

Assim, no plano da psicologia evolutiva também existem interpretações sobre o corpo, estando, por exemplo, a preferência de homens por mulheres com determinadas características (jovens, seios grandes, ancas largas) relacionadas com a fertilidade. As mulheres, contempladas de costas, possuem outro factor comum a todas as culturas: a linha que separa o tronco da bacia ou das nádegas, que é tanto mais atraente quanto mais acentuada, linha esta ausente nos homens, mesmo nos transexuais que tomam hormonas femininas para transformar o corpo. Quanto ao corpo do homem, o que parece ser mais sedutor para a mulher são os ombros largos, o tronco desenvolvido na parte superior, configurando um triângulo invertido, apresentando-se a cintura mais estreita do que os ombros. Segundo a opinião de alguns psicólogos, é por esta razão que a ideia de beleza serve para melhorar a qualidade da sobrevivência do ser humano.

Será a beleza determinante na atracção física entre homem e mulher? Pensamos que, para além da problematização que o assunto sugere, não poderá reduzir-se a atracção entre sexos apenas ao aspecto físico, tendo em conta que a atracção é não só física, mas também psicológica, emocional, físico-química, existindo, neste caso, determinados

elementos químicos, como o odor e as hormonas sexuais (feromonas) produzidas pela mulher e pelo homem, que, apesar de serem detectáveis só durante a actividade sexual, têm um claro efeito afrodisíaco e de beleza bio-psíquico-emocional. Estamos cientes da inequívoca determinância, nos cruciais momentos e oportunidades, do peso da beleza na atracção puramente física. Há duas zonas diferentes do cérebro que se activam quando existe atracção, estando uma ligada à atracção ou desejo sexual puro, e a outra ao aspecto emocional, do qual depende o enamoramento. Trata-se aqui do aspecto afectivo da atracção, em que os dois sexos se comportam de modo diferente. Ao que parece, estas duas zonas são claramente separadas no homem e mais coincidentes na mulher, o que talvez possa explicar a razão por que é mais fácil para o homem separar aspectos físicos de aspectos emocionais e românticos. Contudo, na sequência do que temos vindo a afirmar, a atracção não depende exclusivamente da beleza física, dado que a atracção entre duas pessoas implica, simultaneamente e às vezes muito mais do que determinados factores físico-químicos, outros ingredientes de beleza interior que tornam a mulher e o homem mais belos. Ainda segundo Afonso de Albuquerque,

«A atracção física, aquela que sentimos numa primeira impressão quando vemos alguém sem haver qualquer espécie de relação, é primária. O amor, como se sabe, vem depois. E é tão importante, que pode levar a que alguém que ame uma pessoa objectivamente feia, a ache verdadeiramente bonita».

O amor, esse mistério por vezes despótico, confuso ou indulgente, que se afigura pairar para além do Olimpo como uma substância invisível, insondável, mítica, cuja infinitude, de leveza superior ao do ar e profundidade abaixo do mais fundo dos mares, nem sempre se nos apresenta inteligível e acessível, provavelmente por razões bioquímicas e de sobrevivência humana na terra e na eternidade dos tempos. Mas a questão da beleza associada a uma imagem cuidada tem grande preponderância mesmo noutros domínios, pois sabemos que a aparência é importante não só na dimensão da atracção física, como em muitos outros aspectos da nossa vida. Aliás, em qualquer relação que estabelecemos, com a questão da aparência sempre presente, somos avaliados desde logo pela impressão que a mesma provoca. Estudos recentes sobre a importância da beleza e do cuidado com a imagem concluem que, em geral, as pessoas bonitas ou com uma imagem cuidada alcançam melhores empregos, maior sucesso social e profissional, maior credibilidade e até melhores honorários, embora, por vezes, cheguem a sentir-se injustiçados, quando conseguem triunfar servindo-se da beleza física como mais-valia,

pelo facto de recearem que os outros se lhes dirijam só pela sua beleza e não, também, por outras qualidades que porventura possuam.

Parafraseando Bruno Remaury, o «dever de beleza» sempre esteve presente no espírito feminino, mesmo que de uma forma subliminar, o que gerou a multiplicação e a democratização das técnicas para o aperfeiçoamento ou a transformação do corpo, modificando-se o discurso alusivo à aparência, e sucedendo-se, ao «dever social» de ser bela, o «dever moral» de poder ser bela, o que significa que, a partir do momento em que tudo se modifica e tudo se pode transformar por intermédio da cirurgia ou da cosmética, a mulher tem a obrigação imperiosa de ser bonita, cabendo-lhe, só a ela, ser bela⁴.

A explosão da indústria da moda da cosmética, assim como a terrível escalada das dietas, surgem como consequência da tendência universal para se admirar o que é, ou se convencionou achar belo. A criação de uma imediata panóplia de soluções mágicas garante tornar-nos mais belos, sedutores e irresistíveis. No entanto, inquestionavelmente, é a beleza interior que amplia e torna mais verdadeira a beleza exterior, sendo incontestável que uma boa aparência física tem sempre mais impacto social, não salvando, todavia, ninguém de angústias e tristezas, traduzindo-se muitas vezes o «dever de beleza», feminino ou masculino, numa armadilha terrível, que origina uma auto-exigência desmedida, contraindo-se dívidas astronómicas para parecer bem na ansiedade que se cria à volta da imagem. Como se pode ler na p. 9 do artigo de Maria Ana Luz, cujo conteúdo muito nos agradou e suscitou a ampliação deste texto,

"Assim como a inteligência racional precisa da inteligência emocional para «vingar», também a beleza exterior só colhe frutos se conferir com a beleza interior"⁵.

De nada adianta cuidar da imagem, se o essencial ficar esquecido, que é o bem-estar interior e o conforto que sentimos na relação connosco mesmos e com os outros à nossa volta. Mulheres ou homens privados de beleza exterior não ficam amputados de uma parte de si mesmos. Podemos jogar a nosso favor o «dever de beleza» pelas melhores razões. É fundamental que gostemos de nós, que acreditemos nas nossas capacidades e

⁴ REMAURY, Bruno – *Le Beau Sexe Faible*. Paris : Grasset, 2000.

⁵ LUZ, Maria Ana – *A importância da imagem*. “Xis”. Lisboa: Público, 1ª semana Janeiro 2003; p. 8-9.

que assumamos um dever ainda maior e mais imperioso que nos obriga a rentabilizar potencialidades e capacidades, evidenciando os nossos inequívocos talentos. Tão importante como a roupa e outros ingredientes acessórios que ostentamos é a substancialidade com que «vestimos o nosso coração», secundando Saint-Exupéry (1900-1940). E, como sustentaram David Hume (1711-1776), «A beleza das coisas está no espírito de quem as contempla», e Einstein (1879-1955), «A beleza reside no coração de quem a contempla».

Clarificando a nossa posição, a vivência da beleza não se mantém no plano exclusivamente sensorial, visto que a culminância do seu ponto máximo ocorre na inteligência, faculdade específica humana, sendo graças à actuação protagonista do intelecto que a experiência estética pode pertencer ao património vivencial de todo o ser humano, mesmo daqueles que não vêem nem ouvem (os surdocegos), dando-se a verdadeira compensação dessa dupla ausência sensorial através da utilização mais intensa do intelecto⁶. Para uma pessoa surdocega que oriente a sua inteligência para o belo, o material que percebe com o tacto pode ser suficiente para, por intermédio da elaboração imaginativa, penetrar no território da experiência estética⁷.

Na verdade, tudo o que pode ajudar a transformar a vida numa perspectiva de inclusão começa num gesto mínimo, eivado do mais simples dos pensamentos, como o de nos colocarmos, uns segundos que sejam por dia, no lugar dos que vestem problemáticas complexas e difíceis de suportar. 2003 foi proclamado o «Ano europeu das Pessoas com Deficiência». O termo «deficiente», por si só, rotula, marginaliza, exclui... Seria preferível a adopção da terminologia: pessoas com diferentes graus de dificuldade ou, segundo o puritanismo americano, «pessoas com um desafio físico», com toda a discutibilidade que a expressão encerra. Que «2003» não tivesse sido apenas mais uma boa intenção materializada nas habituais chorrilhantes sementeiras de palavras sonantes, mas que ainda possa vir a traduzir-se, pelo menos de algum modo, em mais uma

⁶ OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli de – Handicapped people and the experience of beauty: a quasi aristotelian approach, palestra pronunciada no dia 3 de Setembro de 1998, na cidade eslovena de Ljubljana, por ocasião do XVI International Congress of Aesthetics).

⁷ GUERREIRO, Augusto Deodato – *Para uma Nova Comunicação dos Sentidos*. Lisboa: SNRIPD, 2000.

oportunidade que ajude a contribuir para um sistemático avanço na erradicação da infelizmente tão persistente, cruel e silenciosa discriminação de largos milhões de cidadãos no Velho Continente e em todo o mundo (só na Europa cerca de trinta milhões), sobretudo por dificuldades de natureza funcional, que impedem ou condicionam a comunicabilidade, a visão, a mobilidade, e outras faculdades, votando-os a um completo e inadmissível segregacionismo. Se cada um de nós, ao abrir os olhos após cada sono, for capaz de adoptar a higiene diária de pensar que, de um momento para o outro, pode acordar cego, surdo, surdocego, hemiplégico ou tetraplégico, talvez a interacção e intercompreensão humana passe a ser mais digna e mais frutuosa em favor do bem-estar de todos os cidadãos cuja imagem ou disfunções os excluem socialmente, talvez o mundo em geral se torne menos agressivo, mais humanizado, rumo à realização da socialização da esperança e paz no mundo, onde todos possam caber, independentemente da imagem sociocomunicacional que vestirem. A dignidade humana é, de facto, uma conquista, mas alicerçada na educação e formação *de berço*. Jean Vercors (1902-1991) precisa que «A humanidade não é um estado a que se ascenda. É uma dignidade que se conquista».

As estatísticas informam que, em todo o mundo, pelo menos 10% dos elementos de qualquer sociedade nasce ou adquire uma deficiência, e cerca de uma em quatro famílias tem um familiar com deficiência⁸. Ninguém tem a saúde mental, espiritual e física nas próprias mãos, mas, se tivermos a adequada sensibilidade e quisermos, teremos nas mãos a resolução dos problemas sociocomunicacionais a que nos reportamos.

Conclusão

O homem é uma constante fonte de comunicação e informação designadamente não-verbal, em que todos os seus gestos conscientes ou intuitivos revelam o que de mais íntimo tenta guardar. Podemos inferir que as aparências iludem e também são

⁸ «Carta para o Terceiro Milénio» Aprovada pela Assembleia Geral da *Rehabilitation International* a 9 de Setembro de 1999, em Londres.

importantes, havendo necessidade de cuidar com rigor idêntico dos lados interior e exterior, de forma a que a imagem interior, a que gere e amplia os grandes valores humanos, não se deixe amordçar e anular pelos efeitos da exuberante e por vezes extasiante visibilidade da exterior. Aristóteles (c^a 384 ou 383-322 a.C.) dizia que «Somos aquilo que fazemos consistentemente». Somos o que *a força da nossa imagem* incutir na sensibilidade do nosso interlocutor, promovendo naturalmente o seu acolhimento e permissividade num assentimento recíproco, o que melhorará a beleza e a imagem substanciais na mais larga acepção, e traduzindo-se sempre em desejável intercompreensão. O processo de inclusão sociocomunicacional deve ser promovido, materializado e sedimentado de corpo e alma, com exemplos e demonstrações que não cabem nas palavras, ensinado, treinado em convívio social, por teorização ou puro raciocínio, com a força de palavras que estão para além das próprias palavras e das ideias que as palavras ocultam. Não será necessário exaurir (como que antropofagicamente) tudo o que são determinados interlocutores nossos, mas seria bom que todos nos esforçássemos no exercício de alguma alquimia dos sentidos e de secretismos conservadoramente ancestrais, egoísticos, inexplicáveis à luz do crescimento, defesa e consolidação dos grandes valores humanos, e que, por não serem capazes de sobrepor a solidariedade aos egoísmos, nos impedem de ser felizes e inclusivos.

As nossas preocupações, no plano sógnico-comunicacional, visam alargar os fundamentos científicos da comunicabilidade sensorial com carácter interdisciplinar que se nos apresenta em caleidoscópio, como a imbricação de diversas áreas do saber, designadamente da motricidade humana e da teoria da comunicação e informação. O nosso corpo é um universo inexaurível de descoberta constante nos domínios informacional, interaccional, comunicacional, cultural, em que contribuímos para a ampliação da sua extraordinária sensorialidade comunicacional. De resto, para sobrevivermos como pessoas e comunidades, é fundamental que o poder político, as estruturas sociopolíticas, a sociedade, acreditem nas potencialidades humanas e que sejam capazes de construir projectos sociais que confiram sentido ao sonho e à esperança. Todos os cidadãos (caracterizados ou não por disfunções sensoriais, cognitivas, motoras ou outras) e todos os povos do mundo necessitam da auto-estima e

auto-imagem, da auto-confiança e auto-conceito, para poderem vencer as agruras e intempéries sociais (ditadas por ignorância ou conveniências), incompreensões, marginalizações, exclusões, e prosseguir na construção do futuro, mediante o estabelecimento de princípios ético-políticos reguladores da conduta dos indivíduos, dos grupos sociais e instituições, evitando as injustiças e arbitrariedades que fragilizam ou anulam o sentido do «mundo da vida» e da nossa própria vida.